

A necrolatria cristã

Seraphim Pietroforte

Frequentemente, defende-se a posição de não se desgastar debatendo com a extrema direita, afinal, eles primam por três características incompatíveis com quaisquer diálogos: (1) ignorância por falta de instrução; (2) péssimas maneiras quanto ao convívio social; (3) deslealdade. Os fascistas, ainda, raramente se assumem ateus; por hábito, tais extremistas se associam a seitas necrólatras, derivadas, principalmente, do pensamento cristão. Desse ponto de vista, se não compensa debater com fascistas, indagam-se, a seguir, quais os danos, não ao debate, mas à própria humanidade, diante de fascistas mancomunados com o cristianismo; para tanto, insiste-se em cinco tópicos: (1) não debater com cristãos; (2) a dessensibilização diante da tortura e do sofrimento; (3) as mazelas da caridade; (4) a necrolatria cristã e sua incompatibilidade com o ser humano; (5) o maldito proselitismo.

não debater com cristãos

Retomando o mote “não discutir com fascistas”, encontra-se no Youtube um canal bastante sofrível, cuja programação se resume a promover debates entre alguém – em geral, influenciadores, atuantes em redes sociais – e duas ou três dezenas de pessoas, caracterizadas por desconhecer o tema focado ou dominá-lo superficialmente. No encontro há, inclusive, equívocos quanto às práticas do debate; na maioria das vezes, a suposta controversa se transforma em deseducação, rudeza, agressões verbais as quais, por pouco, não se tornam físicas.

Pois bem, entre as discussões encetadas, um caso, oportunamente lembrado, deu-se nos entreveros do comediante Thiago Santinelli contra vinte crentes. Na atração, o número e a proporção dos participantes já anunciam algo circense, apto à comédia... certa vez, reza a lenda, quando os nazistas contrataram número semelhante de físicos para contradizer a teoria da relatividade, Einstein teria respondido, caso houvesse erros em suas propostas, que apenas um cientista bastaria para o contestar. Em virtude disso, se tais cristãos possuem tamanha certeza quanto às convicções defendidas, como se alardeia, cabe indagar por que vinte se, diante da firmeza, um bastaria... pergunta-se, ainda, por que somente cristãos, em vez de convocar, entre os religiosos, umbandistas, hinduístas, judeus etc.

O debate, como não deixaria de ser, é pífio... durante quase duas horas, vinte fanáticos religiosos, cuja única referência se reduz a leituras mal interpretadas da Bíblia – um manual supostamente sagrado seguido por eles –, insistem nos mesmos dogmas extemporâneos e, na maioria, bastante desprezíveis. Cabe lembrar, o coletivo de “anjo”, em língua portuguesa, é “coro”, diferentemente do coletivo de “demônio”, ou seja, “legião”; nesse léxico, de cunho alegórico, os anjos cantam regidos por Deus, enquanto os demônios se pautam por cadeias de comando relativamente independentes. No *Paraíso perdido*, de Milton, essa ideologia se evidencia: no primeiro canto do poema, os demônios, após a queda, uma vez edificado o Inferno, organizam-se em assembleia para deliberar; no segundo canto, entremontes, os anjos repetem em uníssono, sem se desviar, as palavras de Deus. Ora, tal procedimento não pertence somente à gramática ou à literatura; ele se presentifica em condutas sociais, haja vista a vocação dos cristãos para repetir, à exaustão, os mesmos argumentos, calcados nos mesmos dogmas, e a decorrente aversão devotada por eles ao debate, afinal, quem invariavelmente reitera, longe de se dispor ao conhecimento, visa à imposição, logo, à intolerância e à violência.

Não cabe, a seguir, apontar os erros de palpites obscurantistas colhidos na Bíblia, feito atacar as demais religiões, deslegitimar o pensamento da antiguidade clássica, ofender os judeus, diminuir as mulheres, condenar homossexuais etc.; indaga-se, isto sim, por que insistir nessas contendas, mesmo valendo-se, ocasionalmente, de contradições da Bíblia – presentes em todas as obras humanas – para replicar ou, até mesmo, recorrer às supostas palavras de Jesus, contrapondo, assim, misericórdia a ódio e rigor. Dessarte, em vista das contestações, baseadas sistematicamente nas mesmas fontes, tudo indica que a raiz do problema não reside em maus religiosos, desatentos aos ensinamentos de Jesus ou demais gurus da seita cristã, mas no próprio Cristo e em sua doutrina incipiente; deve-se atentar, portanto, não para fanáticos circunstanciais, armados de bíblias ou de outras cartilhas, mas para os dogmas do presumido Salvador e suas palavras de ordem, tais quais “dar a outra face diante dos inimigos”, “pagar impostos a Deus e a políticos desumanos”, “andar com criancinhas” e outros disparates.

a dessensibilização diante da tortura e do sofrimento

Uma das lembranças mais macabras de minha infância se refere a Jesus Cristo e sua vocação ao calvário. Teria por volta dos quatro anos de idade... educado pela família na necrolatria cristã, recordo-me da procissão, de uma igreja algo opressiva repleta de

fiéis cabisbaixos e macambúzios, do pavor diante da triste figura de Jesus, estendido no altar, marcado de feridas medonhas. O pior detalhe da imagem surgia em seu olhar vazio diante do martírio... não parecia tristeza nem misericórdia, nem sequer lástima, mas simplesmente estupor; convém perguntar, anos depois, qual o propósito de expor crianças a tamanho horror disfarçado de graça – isso é burla –... qual a pedagogia dessa patranha.

Em diversos cultos, há morte seguida de esquartejamento – Tiamat, Osíris ou Dionísio são apenas três ocorrências de um arquétipo mais geral e abstrato –; Jesus Cristo, todavia, expressa apologias do sofrimento, da dor e do martírio – haja vista a cruz, um instrumento de tortura, tornar-se o símbolo de variadas seitas cristãs –. A seu modo, pela glorificação da tristeza, da fealdade e do flagelo, reiterados insistentemente e obsessivamente pelos cristãos, promove-se, nessa idolatria, a dessensibilização diante da atrocidade; dessa perspectiva, apontam-se três referências: (1) a Santa Inquisição, evidentemente; (2) a valorização do trabalho escravo, seja pela força do açoite seja pela mais valia; (3) o caso espúrio de cristãos votarem em Jair Messias Bolsonaro, quem, acompanhado de familiares e correligionários fascistas, ostentou, descaradamente, em cartazes e camisetas, a efígie macabra do torturador Brilhante Ustra.

Segundo a seita, consegue-se a salvação não com meditação e conhecimento, mas com dor e sofrimento; para os necrólatras, apenas o tormento transcende. Consequentemente, o cristianismo se torna uma exibição macabra de torturas medonhas seguidas de morte; para verificar, basta consultar quaisquer hagiografias... os próprios discípulos do suposto salvador não se salvaram de suplícios indescritíveis. Em função disso, além de dessensibilizar os fiéis pela exposição constante à agonia, acostumando-os a cenas, em princípio, inaceitáveis, estimula-se, nos então fanáticos, a sanha pela dor enquanto justiça ou corretivo. Logo, para quem discorda deles, retribui-se com perseguições e morte; funda-se, em meio a mania tão doentia, espaço para: (1) queimar mulheres, homossexuais, judeus e cientistas; (2) escravizar negras e negros com ferros e açoites; (3) glorificar assassinos e torturadores, membros de polícias políticas, tais quais a Gestapo ou o Dops.

as mazelas da caridade

Em sua natureza reacionária, nada pior que a caridade cristã. Obviamente, ninguém, em sã consciência, privar-se-ia de auxiliar alguém necessitado de comida, abrigo ou acolhimento; todavia, a caridade, em regimes de trocas desiguais, tais quais o

feudalismo ou o capitalismo, não passa de paliativo. Não se deve esquecer de que o desemprego pertence às estruturas do capitalismo, afinal, seu objetivo é manter a mão de obra barata, ameaçando constantemente, dessa maneira, os trabalhadores; para resolver questões semelhantes, não basta compensar a baixa remuneração e o desemprego com donativos, sendo necessário, isto sim, acabar, terminantemente, com o regime capitalista. Contudo, isso somente se fará mediante a força, pois a burguesia jamais renunciaria a seus privilégios; enquanto isso, nada como a caridade para esconder os malefícios da mais valia.

Nessas circunstâncias, se os cristãos realmente se importassem com seus supostos “irmãos e irmãs” desvalidos, empenhar-se-iam em revolucionar o regime e não em distribuir trocados e roupas velhas. Ademais, lidar com mendigos esconde perversões sexuais ocultas... não apenas pedófilos se escondem por trás de batinas e crucifixos, a misofilia também grassa na igreja.

a necrolatria cristã e sua incompatibilidade com o ser humano

Por fim, compensa cuidar da incongruência entre a necrolatria cristã e a própria vida, seja em suas variadas dimensões seja nos estados múltiplos do ser. Segundo as versões populares e regularmente apregoadas das doutrinas cristãs, o mundo não passa de um lugar pecaminoso, onde, desde os tempos da queda do Paraíso, habitam pecadores eternamente em busca de redenção; nessa situação, a salvação se resume a seguir as palavras de Jesus Cristo, o suposto filho de Deus, cujos ensinamentos são transmitidos por padres, pastores etc. Separam-se, com tais pensamentos, dois mundos inconciliáveis, isto é: (1) o mundo da vida, em que tudo se revela corrupto, tornando o prazer e a beleza tentações falsas e desprezíveis; (2) o mundo da morte, hora do julgamento sob ameaça, novamente, de torturas aterradoras, dignas da Santa Inquisição e dos porões de quaisquer ditaduras militares. Em síntese, nada há para se aprender com o mundo, senão suas falsidades e, na morte, pouco resta, a não ser, obedecer; em outras palavras, cabe apenas repetir as palavras de Deus conforme seus anjos, seu Filho, seu Espírito Santo, seus profetas, freiras, pastores e sacerdotes. Pois bem, observada com as devidas reservas, tal doutrina não passa de loucura, capaz de justificar, vale repetir, as piores atrocidades; comparem-se, por exemplo, doutrinas complexas, como o Hinduísmo e a Umbanda, para que as sandices do cristianismo se explicitem veementemente.

Tanto na Umbanda quanto no Hinduísmo, louva-se a beleza e a vida; cuida-se de um mundo em que, antes de se evitar ilusões, a vitalidade da natureza se expressa ora feito Indra, Varuna, Agni e Soma ora como Iansã, Iemanjá, Xangô e Oxalá; em ambas, cada uma a seu modo, não há limites intransponíveis entre a vida e a morte, mas gradações... ademais, concebem-se outros estados do ser além desses dois. O cristianismo, em suma, não prepara seus fiéis para vida nem para morte, servindo para quase nada, a não ser fomentar tristeza e desesperança.

Para confirmar, propõem-se, ainda duas comparações: (1) do Sermão da Montanha e sua superficialidade com a profundidade e agudeza dos versos do Bhagavad Gita, do Mahabharata, atribuído ao poeta Vyasa, em que Krishna se transfigura diante de Arjuna; (2) a vida tacanha dos santos cristãos, tais quais Santa Rita e sua ferida incurável, lançada por seu Deus, supostamente misericordioso, com a história de Exus tais quais Exu Caveira e Exu Tranca Ruas ou de Pombagiras como Maria Molambo e Maria Padilha, ou, ademais, com os sábios conselhos de Maria Navalha e da Cigana Sete Saias.

o maldito proselitismo

Para compreender melhor os cristãos, busco, no livro *História da filosofia cristã*, de Etienne Gilson e Philotheus Boehner, algum esclarecimento. A obra merece certo respeito, entretanto, todo cuidado é pouco diante do detestável proselitismo dos autores, que insistem, em cada página, a louvar Jesus independentemente dos temas tratados, buscando, com isso, diminuir a filosofia pagã – pagã para os cristãos –, sem a qual não haveria filosofia cristã; aliás, sem judaísmo e sem filosofia grega, a tal filosofia cristã se reduz a bem pouco.

Sendo assim, em vez de se limitar às catacumbas, os cristãos, atualmente, insistem em: (1) atacar terreiros de Umbanda e Candomblé, afirmando o mesmo racismo com que se considerou, nos tempos do mercantilismo, os negros isentos de alma, portanto, escravizáveis; (2) defender padres e pastores pedófilos, os quais deixaram vir a si as criancinhas; (3) insultar as mulheres, feito um certo frei bolsonarista, quem agrediu verbalmente as brasileiras, defendendo, no dia 8 de março, a inferioridade delas em relação aos homens; (4) ir de encontro, ainda com racismo, a festas como o Carnaval e demais manifestações populares, insistindo na milenar acusação de serem “coisas do demônio”, afinal, para eles, exceto Jesus e sua triste doutrina, tudo parece diabólico; (5) hostilizar homossexuais e transexuais ao colocar entraves na parada gay, insinuando que

crianças se arriscariam na companhia dos manifestantes, esquecendo-se de que, nessa questão, a pedofilia prolifera, isto sim, entre padres e pastores; (6) desautorizar professores invocando a Bíblia ou valendo-se da pregação de políticos corruptos e de pastores vigaristas; (7) investir contra os judeus, principalmente na Páscoa, invalidando as tradições judaicas ao chamá-las Velho Testamento – cabe indaga, velho para quem –.

Seriam tais atitudes extremamente descabidas e violentas, portanto, exemplos da filosofia cristã? Ora, isso não é religião; isso se chama racismo, misoginia, homofobia, transfobia, antissemitismo, assédio moral e, quando impera violência, terrorismo.

bibliografia

MILTON, John (2018). *Paraiso perdido*. São Paulo: Martin Claret.

GILSON, Etienne e BOEHNER, Philotheus (1982). *História da filosofia cristã*.
Petrópolis: Vozes.

São Paulo, 30 de julho de 2026